

UM NÚMERO INFINDÁVEL DE DIAS ATÉ AO MEU INEVITÁVEL REENCONTRO COM A NIKKI

Nem preciso de erguer o olhar para saber que a minha mãe veio fazer-me outra visita-surpresa. Durante os meses de verão, ela tem sempre as unhas dos pés pintadas de cor-de-rosa; além disso, reconheço o padrão floral impresso nas sandálias de couro — a minha mãe comprou-as da última vez que me tirou do sítio ruim e me levou ao centro comercial.

Mais uma vez, a minha mãe deu comigo em roupão de banho, a fazer exercício físico no pátio, entregue a mim mesmo; sorrio, pois sei que ela vai gritar com o Dr. Timbers, perguntando-lhe porque preciso eu de ficar fechado, se depois me deixam sozinho o dia inteiro.

— Exatamente quantas flexões tencionas fazer, Pat? — pergunta ela quando, sem lhe dirigir palavra, começo uma nova série de cem.

— A... Nikki... gosta... de... um... homem... com... o... tronco... desenvolvido! — respondo-lhe, expelindo uma palavra a cada elevação, ao mesmo tempo que sinto o sabor salgado dos fios de suor que me escorrem para a boca.

A névoa de agosto está espessa, excelente para queimar gordura.

A minha mãe limita-se a observar durante cerca de um minuto e depois sobressalta-me. Com a voz a tremer-lhe um pouco, diz:

— Queres vir comigo para casa, hoje?

Paro de fazer flexões, volto o rosto para ela e tento ver através da luz branca do sol do meio-dia; percebo logo que ela está a falar a sério, pois parece preocupada, como se estivesse a cometer um

erro, que é como ela fica quando quer mesmo dizer o que acaba de dizer, em vez de se pôr só a falar durante horas a fio, como sempre faz quando não está aborrecida ou com medo.

— Desde que prometas que não vais outra vez à procura da Nikki — acrescenta —, podes finalmente ir para casa e viver comigo e com o teu pai, até te arranjarmos um trabalho e um apartamento para te instalares.

Recomeço a minha série de flexões, com os olhos fixos na formiga preta reluzente que vai subindo por uma folha de relva que está mesmo por baixo do meu nariz, mas, pelo canto do olho, vejo as gotas de suor que pingam da minha cara para o chão.

— Pat, basta dizeres que vens comigo para casa, e então eu cozinho para ti e poderás estar com os teus velhos amigos e voltar finalmente à tua vida. *Por favor.* Preciso que queiras fazer isso. Nem que seja só por mim, Pat. *Por favor.*

Acelero as flexões e sinto os músculos peitorais a responderem, a dilatarem — dor, calor, suor, transformação do corpo.

Não quero ficar no sítio ruim, onde ninguém acredita em réstias de esperança, nem em amor, nem em finais felizes, e onde todos me dizem que a Nikki não há de gostar do meu novo corpo e que nem sequer me quererá ver quando o tempo de separação acabar. Mas também receio que as pessoas da minha antiga vida não sejam tão entusiásticas quanto eu estou agora a tentar ser.

De qualquer modo, preciso de fugir a estes médicos deprimentes e a estas enfermeiras horríveis — sempre com os seus copinhos de papel com comprimidos —, se quiser ter alguma vez a cabeça em ordem; e uma vez que é muito mais fácil enganar a minha mãe do que os profissionais de saúde, ergo-me de um pulo, firmo os pés no chão e digo:

— Vou viver contigo só até ao fim do tempo de separação.

Enquanto a minha mãe assina a papelada legal, tomo um último duche no quarto e depois meto a roupa e a fotografia emoldurada da Nikki no saco de desporto. Digo adeus ao meu companheiro de quarto, o Jackie, que se limita a olhar para mim da sua cama, como sempre faz, com a baba a escorrer-lhe pelo queixo como

mel cristalino. Pobre Jackie, com os seus tufos de cabelo dispersos, o seu estranho feitio de cabeça e aquele corpo flácido. Que mulher poderia alguma vez amá-lo?

Ele pisca-me o olho. Tomo isso como um «adeus» e um «boa sorte», e, em resposta, pisco-lhe os dois olhos — o que quer dizer: «Sorte a dobrar para ti, Jackie», algo que ele parece perceber, visto que solta um grunhido e bate com o ombro na orelha, como faz sempre que percebe o que lhe estamos a dizer.

Os meus outros amigos estão na sessão de terapia musical, que eu não frequento, porque às vezes o *smooth jazz* faz-me ficar zangado. Pensando que talvez devesse dizer adeus aos homens que zelavam por mim quando estava fechado à chave, olho pela janela da sala de música e vejo a minha rapaziada sentada à maneira dos índios, em colchões de ioga roxos, com os cotovelos apoiados nos joelhos, as palmas das mãos unidas diante do rosto e os olhos fechados. Por sorte, a vidraça das janelas impede que o *smooth jazz* me entre pelos ouvidos. Os meus amigos parecem mesmo estar relaxados — em paz — e resolvo não interromper a sessão. Detesto despedidas.

Vestido com a sua bata branca, o Dr. Timbers está à minha espera quando me junto à minha mãe no átrio, onde há três palmeiras à espreita entre os sofás e as espreguiçadeiras, como se o sítio ruim fosse em Orlando e não em Baltimore.

— Aproveite bem a vida — diz-me ele com aquele seu ar grave, dando-me um aperto de mão.

— Só quando acabar o tempo de separação — respondo-lhe; o semblante descai-lhe como se eu estivesse a dizer que lhe ia matar a mulher, a Natalie, e as três filhas louras (a Kristen, a Jenny e a Becky), porque ele não acredita mesmo nada em réstias de esperança, e é isso que faz com que o seu ofício seja pregar incessantemente a apatia, a negatividade e o pessimismo.

Mas certifico-me de que ele percebe que não conseguiu contagiar-me com as suas filosofias de vida depressivas — e que vou ficar ansiosamente à espera de que chegue o fim do tempo de separação.

— Imagine-me a tripar — digo-lhe, em jeito de despedida; é exatamente o que o Danny (o único amigo preto que tenho aqui no sítio ruim) me contou que havia de dizer ao Dr. Timbers quando

tivesse alta. Sinto-me um bocado mal por estar a roubar a frase de despedida do Danny, mas a coisa resulta, porque o Dr. Timbers fita-me com os olhos semicerrados, como se eu lhe tivesse dado um murro no estômago.

Sáímos do Maryland, e, enquanto atravessamos o Delaware, passando por todos aqueles restaurantes de *fast-food* e centros comerciais, a minha mãe explica-me que o Dr. Timbers não me queria deixar sair do sítio ruim, mas que ela, com a ajuda de alguns advogados e do psiquiatra da amiga — o homem que vai ser o *meu* novo psiquiatra —, travou uma batalha judicial e conseguiu convencer um certo juiz de que era capaz de tratar de mim em casa, e eu agradeço-lhe por isso.

Quando estamos a passar a Ponte Memorial do Delaware, ela pergunta-me se quero recuperar, dizendo:

— Pat, tu queres mesmo ficar melhor, *não é?*

Assinto e digo:

— Sim, quero.

E eis que estamos de regresso a Nova Jérsia, voando pela Inter-estadual 295.

À medida que vamos percorrendo a Avenida Haddon, em direção ao centro de Collingswood — a minha terra natal —, vejo que a artéria principal está com um aspeto diferente. Há tantas lojas novas, tantos restaurantes novos com ar de serem caros e tantos desconhecidos bem vestidos a andarem pelos passeios que me pergunto se isto será mesmo a minha terra. Começo a sentir ansiedade e a respirar pesadamente, como por vezes faço.

A minha mãe pergunta-me o que se passa; quando lhe explico, volta a prometer-me que o meu novo psiquiatra, o Dr. Patel, me fará sentir normal num instante.

Mal chegamos a casa, desço à cave e é como se fosse Natal. Deparo-me com o banco de levantamento de pesos que a minha mãe tantas vezes me prometeu, junto a um porta-pesos, a uma bicicleta estacionária, a uma série de halteres e ao *Stomach Master 6000* que eu tinha visto a anunciarem na televisão a meio da noite e que nunca deixei de cobiçar enquanto estive no sítio ruim.

— Obrigado, obrigado, obrigado! — digo à minha mãe, ao mesmo tempo que lhe dou um enorme abraço, erguendo-a e fazendo-a rodar pelo ar.

Quando a pouso, ela diz:

— Bem-vindo a casa, Pat.

Lanço-me avidamente ao trabalho, alternando entre séries de supino deitado com halteres, flexões dos antebraços, abdominais no *Stomach Master 6000*, elevações de pernas, agachamentos, horas e horas de bicicleta e sessões de hidratação (tento beber quinze litros de água por dia, dando incontáveis tragos de H₂O, para uma hidratação intensiva). Também tenho a minha escrita — sobretudo registos do meu dia a dia, como este, para que a Nikki possa ler sobre a minha vida e ficar a saber exatamente o que andei a fazer desde que começou o tempo de separação. (A minha memória começou a falhar-me no sítio ruim, por causa dos medicamentos, por isso passei a tomar nota de tudo o que me acontece, ficando assim com o registo do que precisarei de dizer à Nikki quando o tempo de separação terminar, para que ela fique a par da minha vida. Mas acontece que os médicos do sítio ruim confiscaram tudo o que eu tinha escrito antes de vir para casa, pelo que tive de começar de novo.)

Quando por fim deixo a cave, reparo que todas as fotografias em que a Nikki está comigo foram retiradas das paredes e da pedra da lareira.

Pergunto à minha mãe onde foram parar as fotografias. Ela diz-me que a casa foi assaltada há umas semanas e que as fotografias foram roubadas. Pergunto-lhe porque queria um ladrão fotografias da Nikki comigo, e a minha mãe explica-me que costuma pôr as fotografias em molduras caríssimas.

— Porque é que o ladrão não roubou todas as fotografias de família? — interrogo.

A minha mãe responde-me que o ladrão roubou *todas* as molduras caras, mas que ela tinha os negativos das fotografias de família e as substituiu.

— Porque é que não substituíste as fotografias em que a Nikki está comigo? — pergunto-lhe. A minha mãe explica que não tinha os negativos das fotografias em que a Nikki está comigo, princi-

palmente porque foram os pais da Nikki a pagar as fotografias do casamento e só lhe deram cópias das fotografias de que ela gostava. Tinha sido a Nikki a dar à minha mãe as nossas outras fotografias que não eram do casamento, mas enfim, de momento nós não estamos em contacto com a Nikki nem com a família dela, por causa do tempo de separação.

Digo à minha mãe que, se o ladrão cá voltar, lhe parto as rótulas e lhe dou uma sova de o deixar às portas da morte.

— Não duvido que o farias — replica ela.

O meu pai e eu não trocamos uma única palavra durante a minha primeira semana de volta a casa, o que nem é assim tão surpreendente, visto que ele está sempre a trabalhar — é o diretor regional de todos os supermercados da cadeia Big Foods na parte sul de Nova Jérсия. E, quando não está a trabalhar, está trancado no seu escritório a ler livros de ficção histórica, sobretudo romances passados durante a Guerra Civil. A minha mãe explica-me que ele precisa de tempo para se habituar ao facto de eu estar outra vez a viver cá em casa, e eu dou-lho de bom grado, sobretudo porque, de qualquer maneira, tenho um certo medo de falar com o meu pai. Lembro-me dele a gritar comigo da única vez em que me foi visitar ao sítio ruim e de que me disse algumas coisas bem terríveis acerca da Nikki e das réstias de esperança em geral. É claro que me cruzo com ele pelos corredores da nossa casa, mas o meu pai não olha para mim quando passamos um pelo outro.

A Nikki gosta de ler; uma vez que ela sempre quis que eu lesse obras literárias, começo a fazê-lo, principalmente porque assim poderei participar nas conversas dos jantares durante as quais antes ficava sempre calado, aquelas conversas com os amigos literatos da Nikki, todos eles professores de Inglês que me acham um palhaço analfabeto — é mesmo isso o que um dos amigos da Nikki me chama sempre que o provoço dizendo que ele é uma amostra de homem.

— Pelo menos, não sou um palhaço analfabeto — riposta o Philip, e a Nikki ri que se farta.

A minha mãe tem um cartão da biblioteca e requisita livros para mim, agora que estou em casa e posso ler tudo o que quiser sem ter que sujeitar as minhas escolhas à aprovação do Dr. Tim-

bers — que, diga-se de passagem, é um fascista no que toca ao banir de livros. Começo com *O Grande Gatsby*, que leio todo em apenas três noites.

A melhor parte é a introdução, onde se diz que o romance trata sobretudo do tempo e do facto de nunca o podermos recuperar, que é exatamente o que eu sinto em relação ao meu corpo e ao exercício físico; mas, além disso, também me sinto como se tivesse de esperar um número infundável de dias até ao meu inevitável reencontro com a Nikki.

Quando leio a história propriamente dita — o Gatsby tem um enorme amor pela Daisy, mas jamais conseguirá ficar com ela, por mais que tente —, apetece-me rasgar o livro ao meio e telefonar ao Fitzgerald para lhe dizer como o seu livro está errado, embora saiba que o mais provável é ele já ter falecido. Sobretudo quando o Gatsby é morto a tiro na sua piscina logo da primeira vez que vai nadar nesse verão, e depois a Daisy nem sequer vai ao funeral dele, e o Nick e a Jordan se saparam e a Daisy acaba a aturar o racista do Tom, cujo desejo de sexo basicamente assassina uma mulher inocente, dá para ver que o Fitzgerald nunca fez uma pausa para admirar as nuvens ao pôr do Sol, porque, deixem que vos diga, no final do livro dele não há uma réstia de esperança.

Percebo que a Nikki goste do romance, visto estar tão bem escrito. Mas isso faz-me temer que ela não acredite realmente em réstias de esperança, uma vez que, nas suas palavras, *O Grande Gatsby* é o melhor romance que alguma vez foi escrito por um americano, ainda que acabe de uma maneira tão triste. Mas de uma coisa tenho a certeza: a Nikki vai ficar muito orgulhosa de mim quando souber que finalmente li o seu livro preferido.

E aqui fica outra surpresa: vou ler todos os romances do seu programa curricular para a disciplina de Literatura Americana, só para a deixar orgulhosa de mim, para que ela saiba que estou realmente interessado nas coisas que ela adora e que estou a fazer um esforço para salvar o nosso casamento, sobretudo porque a partir de agora vou ser capaz de conversar com todos os seus amigos literatos armados em finos, dizendo coisas como: «Tenho trinta anos. Há já cinco que sou velho demais para mentir a mim mesmo e chamar

a isso “honra”», que é o que o Nick diz já perto do fim da famosa obra do Fitzgerald; mas esta frase também funciona comigo, porque eu também tenho trinta anos, e portanto, quando a disser, vou soar muito inteligente. Pode ser que estejamos na cavaqueira depois de jantar, e esta referência há de fazer a Nikki sorrir e depois dar uma gargalhada de surpresa por eu ter realmente lido *O Grande Gatsby*. Seja como for, o meu plano é «largar» esta frase de uma maneira elegante, quando ela menos esperar ouvir-me a «debitar conhecimentos», para usar mais uma das frases do Danny, o meu amigo preto.

Meu Deus, mal posso esperar.